

## Militares de esquerda: Dos quartéis à luta armada

Wilma Antunes Maciel<sup>1</sup>

Este trabalho de pesquisa buscou, antes de tudo, reunir os militares que no conjunto da esquerda armada participaram da luta contra o regime militar no Brasil. A organização desses militares está inserida num movimento maior que é anterior ao golpe civil militar, e tem seu auge na luta contra a tentativa de golpe em 1961, quando os ministros militares quiseram impedir a posse do vice-presidente João Goulart, depois da renúncia do então presidente Jânio Quadros. Com o *slogan* “Sargento também é povo” conseguem dominar as unidades militares e impedir a movimentação dos golpistas. Em nome da legalidade e da defesa da Constituição obtêm a vitória. O presidente assume e passa a ter um relacionamento próximo aos sargentos, apoiando suas demandas. Nos anos seguintes a participação política dos subalternos das Forças Armadas ganha corpo e eles continuam atuantes, principalmente por meio das suas associações.

Por sua vez, os marinheiros em 1962 também fundam sua associação, a AMFNB, e passam a ter contato com outros movimentos sociais, como os dos estudantes, operários, camponeses, intelectuais: é a época do ascenso da participação popular. Há também o acirramento das lutas de classes, contra as reformas de base do presidente João Goulart, apoiada pelos subalternos e por oficiais nacionalistas. Os militares de esquerda passam a compreender que para democratizar e mudar as Forças Armadas precisam atuar na política institucional e começam a lançar suas candidaturas às eleições proporcionais. Ganhando apoio não só nos círculos militares, se elegem com grande margem de votos, mas são impedidos de assumir por conta de certas restrições na Constituição, que é ambígua. Em um artigo permite a candidatura e em outro a restringe, cabendo a interpretação ao STF que vota pela inelegibilidade dos militares.

Diante disso, explode a Revolta dos Sargentos de Brasília, que contava com uma adesão nacional que acaba não acontecendo. Os sargentos tomam a capital do país por doze horas, mas são duramente reprimidos. Com centenas deles presos, a vigilância nos outros Estados aumenta para que novas revoltas não venham a acontecer; o movimento dos sargentos, então, entra em refluxo. Os marinheiros por sua vez continuam ativos. O

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social – FFLCH/USP

ano de 1964 começa tenso. Em março, na comemoração de dois anos de associação, com a proibição de manifestação, depois da repercussão do comício de 13 de março do presidente na Central do Brasil no Rio de Janeiro, e a prisão dos líderes da associação, acontece a rebelião dos marinheiros.

Instalada a crise, o ministro se demite e o outro que o substituiu anistia os marinheiros que se rebelaram. Esses são os acontecimentos em relação aos militares dias antes do golpe civil-militar que já vinha sendo preparado, principalmente por discordância dos setores conservadores da sociedade, empresários, imprensa, classes médias, parte da Igreja Católica. Influenciados pelo anticomunismo em meio à Guerra Fria, aliam-se as Forças Armadas e o presidente é deposto. Nos meios militares segue-se intensa repressão, com milhares de oficiais e subalternos cassados das fileiras do Exército, Marinha e Aeronáutica.

Os sargentos começam a se articular já na prisão no navio Raul Soares, onde ficaram durante algum tempo. Nos anos seguintes, parte desses militares que atuaram no pré-64 vão se engajar na luta armada nas várias organizações que surgem ou que se rearticulam a partir das já existentes no período anterior como Ação Popular (AP) ou Polop. Ao se afastarem da identidade militar presente desde a sua formação, os militares vão aderir a uma identidade ideológica numa luta mais ampla em grupos heterogêneos compostos de vários segmentos das classes sociais civis. Entretanto, a marca da instituição castrense permanecerá, ser militar é algo definitivo na vida desses sujeitos sociais.

Um das questões que moviam as organizações eram as formas de luta, privilegiar um trabalho político ou se dedicar às ações armadas, dadas as dificuldades de organização em face da repressão que se instalou. Esse impasse vai gerar atritos e divisão dentro das esquerdas armadas. Em função dos objetivos de um projeto revolucionário que tem na luta armada uma valorização dos atributos militaristas dos militares, característica daqueles que tinham formação militar, os militares serão associados ao militarismo que também é assumido por muitos civis. Na impossibilidade de colocar em prática um trabalho político que organizasse as massas para a luta contra o regime, o militarismo e o isolamento social a que foram submetidos serão associados às causas da derrota.

Por outro lado, a repressão às organizações de esquerda também será um fator preponderante na desarticulação da esquerda. A criação de órgãos repressivos como a Oban e DOI-Codi, institucionalizando a tortura, levará cada vez mais à prisão e à morte dos militantes. A esquerda responde com os sequestros de diplomatas, os primeiros militares presos ainda conseguiram ser libertos, mas o restante será eliminado com o recrudescimento do regime, principalmente após o AI-5, que suprime todas as garantias individuais.

Muitos, quando foram julgados, apresentaram denúncias de torturas e assassinatos dentro das prisões. No grupo dos militares, basicamente o dos sargentos, uma figura representou o significado dos ideais revolucionários abraçados pelos militares de esquerda: o sargento Onofre Pinto, da VPR, pela capacidade de organizar e aglutinar tanto militares quanto civis. Quando no exílio continuou com o projeto de voltar e continuar a luta contra o regime. Preso numa emboscada na fronteira do Paraná com mais cinco militantes, foi assassinado e consta da lista dos desaparecidos políticos no Brasil.

Nas palavras do marinheiro Avelino Capitani: “[...] sonhávamos com a pátria latino-americana, me via como um soldado latino-americano”.<sup>2</sup> Essa idéia do soldado está ligada a um projeto revolucionário, a uma origem social que os remetem ao povo, ao deixarem a identidade militar por uma identidade ideológica a contradição se converge na figura do soldado da revolução. Um outro marinheiro, Amarantho Jorge também afirmava: “se os soldados não são patriotas, os patriotas têm que ser soldados”. No entanto, o sonho da pátria socialista não se concretizou, mas os militares de esquerda contribuíram com a experiência de sua luta, ao deixarem as Forças Armadas e se unirem à luta armada pela defesa do povo a qual acreditavam que foram formados. Fazem parte não só da história da esquerda, mas também da história das Forças Armadas do Brasil.

---

<sup>2</sup> Entrevista a Denise Rollemberg. Coleção Militância Política e Luta Armada. Arquivo AEL, e declarações no documentário *Caparaó* de Flávio Frederico.